

# A literatura infantil e o romance de formação: um estudo da obra de Lygia Bojunga Nunes

## RESUMO

O Romance de Formação (*Bildungsroman*) é um gênero literário que tematiza a educação dos iniciantes e tem como um de seus pressupostos que, concomitantemente à educação da personagem, o leitor também alcance um aprendizado. Nessa perspectiva, analisamos o processo de formação em *Os colegas*, de Lygia Bojunga Nunes, que trabalha tanto com os problemas sociais de seu tempo como com as dificuldades interiores da criança, de modo que o desfecho da narrativa deixa claro que o pequeno leitor poderá também, depois das provas, alcançar uma saída positiva.

Palavras-chave: literatura infantil; Romance de Formação; imaginário.

**A**o pensarmos sobre nossa rotina diária, observamos que ela é inimaginável sem a rapidez e facilidade dos mais diversos meios tecnológicos que podem simultaneamente transmitir os acontecimentos dos mais distantes espaços e que nos colocam em contato com pessoas do mundo inteiro. É já lugar comum falar de todas essas inovações que diariamente a tecnologia nos traz e do papel da mídia na vida do homem.

Em meio a todas essas novidades, muitas vezes não entendemos qual a função da literatura para as crianças que, segundo alguns, precisam, na verdade, aprender a lidar com essa "enchente" de informações. No dia-a-dia das atividades escolares, a leitura de obras ficcionais quase sempre é pouco trabalhada. Várias instituições de ensino preferem não dar relevância ao livro literário, considerando a literatura como algo desnecessário.

A literatura infantil possui um papel essencial para a educação dos pequenos. E mesmo que a televisão e o computador tenham ocupado inegavelmente um espaço na vida cotidiana, as histórias para crianças sobrevivem e assumem uma variedade de estilos e formas capazes de atrair os mais exigentes leitores.

A importância dos livros literários para as crianças não reside somente em ensinar a interpretar bem e, deste modo, compreender melhor as diversas disciplinas do conhecimento. Se assim fosse, a leitura se apresentaria desde cedo como algo maçante, de interesse utilitário, servindo apenas para uma formação restrita de decodificação da língua.

Para não incorrer no erro de limitar o papel da literatura na infância e, nesse sentido, vê-la como "algo desnecessário", é preciso que estejamos atentos para a formação não só do leitor, mas também do ser humano. A literatura infantil de qualidade, sob o aspecto de brincadeira, ficção, atua de maneira simbólica nos problemas mais prementes dos pequenos, ajudando-os a resolver suas indagações íntimas e, dessa forma, inserindo-os melhor no mundo. As crianças são atraídas pelas histórias e durante a "contação" ficam presas pelo destino da personagem, de modo que acompanham com o maior interesse o desfecho da narrativa. Assim, é necessário investigar o motivo pelo qual elas são mobilizadas para o mundo da ficção.

Grande parte das obras infantis de escritores modernos dialoga com velhas histórias provindas da oralidade, os contos de fadas. Ne-

les, a personagem sai de casa para o grande mundo e enfrenta diversas provas para alcançar um final feliz. O enfrentamento das dificuldades pelas personagens e o desfecho positivo transmitem a mensagem simbólica de que é possível, depois de superar os empecilhos, encontrar uma realidade mais satisfatória.

Essa perspectiva da superação das provas para que o ser se integre melhor à vida presente nos contos de fadas marca também um gênero da literatura denominado de Romance de Formação (*Bildungsroman*), que tem como um de seus principais norteamentos o proces-

*A literatura infantil possui um papel essencial para a educação dos pequenos. E mesmo que a televisão e o computador tenham ocupado inegavelmente um espaço na vida cotidiana, as histórias para crianças sobrevivem e assumem uma variedade de estilos e formas capazes de atrair os mais exigentes leitores.*

so de educação de um jovem, os vários obstáculos que ele precisa enfrentar para que, ao final da trajetória, encontre a harmonia com o mundo circundante. A aprendizagem da personagem deve cumprir o papel de formar o próprio leitor que, ao vivenciar o percurso do herói, sai da experiência da leitura também transformado.

*A aprendizagem da personagem deve cumprir o papel de formar o próprio leitor que, ao vivenciar o percurso do herói, sai da experiência da leitura também transformado.*

É possível que a chave para a compreensão do interesse das crianças de todos os tempos para a literatura infantil esteja nessa possibilidade de ela, do mesmo modo que a personagem, vencer suas angústias e vislumbrar saídas para seus problemas. Se nós, adultos, muitas vezes nos deixamos amedrontar pelas incertezas da existência, pela angústia dos desafios, que dirá das crianças envoltas nos primeiros passos, ainda cambaleantes. É nesse sentido que as obras literárias trabalharão com as dificuldades próprias do universo dos pequenos, levando-os a uma formação para a vida.

Quando falamos de formação não nos referimos ao sentido de um ensino acadêmico, mas ao crescimento do indivíduo, uma educação transformadora e libertadora que vai lidar com a construção do sujeito, e que possibilitará à criança a dar um salto maior que uma limitação ao ensino das disciplinas escolares. Na dissertação "O Bildungsroman e o processo de

aprendizagem: em seis obras de Lygia Bojunga Nunes"<sup>2</sup>, trabalhamos com a questão de um aprendizado para que o ser se relacione melhor com a realidade social, e também estabelecemos um diálogo do Bildungsroman com as obras de Bojunga Nunes.

Nesse estudo, partimos da noção da dinamicidade do gênero, defendida pela estudiosa Wilma Patrícia Maas, em *O cânone mínimo* (2000), para aproximarmos a Literatura infanto-juvenil do Romance de Formação.

Um dos livros selecionados, da premiada autora Lygia Bojunga Nunes, é *Os colegas* (2000), o qual retomaremos aqui por se tratar de uma obra mais infantil, que pode ser lida por alunos da terceira e quarta séries. A intenção é acompanhar a trajetória das personagens para analisar como é delineada a formação.

Nessa obra, personagens isoladas e socialmente marginalizadas se unem para enfrentar as dificuldades de cada um e a hostilidade do meio. Primeiramente, Virinha e Latinha tornam-se colegas, pela sua condição de cachorros sem dono e sem raça e pelo gosto em comum por sambas. Os dois vão morar em um terreno baldio e se tornam amigos "inseparáveis". Depois aparece Flor-de-lis, uma cachorrinha de luxo, que se cansa de todas as coisas caras que sua dona a fazia usar: pulseiras, correntes, botas, roupas... e foge. Como os outros colegas, Flor também não consegue se adaptar ao seu meio e vai morar no terreno baldio.

O próximo colega a se integrar à turma é Voz-de-cristal, um urso com a voz bem fininha, que fugiu do zoológico em que morava para conhecer o mundo. E por fim, o coelho Cara-de-pau, que foi abandonado por seus pais ainda pequeno, quando dormia num canteiro de margaridas na roça, e depois foi levado para a cidade por seus tios, que então o deixaram lá. O coelho não ri mais, depois de ter sido "perdido".

Os colegas estão unidos por sua situação de deslocados no meio social, e é essa união que ajudará uns e outros a superarem as

dificuldades. A ligação do grupo torna-se ainda mais evidente no carnaval. Reunidos pela amizade e pela música, eles se fantasiam de palhaços e, por momentos, toda a preocupação com a fome, a insegurança são superadas com a brincadeira, o riso, a descontração próprios da festa carnavalesca, que por instantes liga a todos numa comunidade homogênea:

Aquele carnaval foi mesmo um estouro!

Sábado, domingo, segunda e terça o bloco dos colegas brincou nas ruas, se misturando com os foliões todos, com as escolas de samba, com os frevos e com os ranchos. E por onde passava, todo o mundo aplaudia, ria, apon-tava:

- Olha o bloco dos palhaços!

- Olha o bloco dos palhaços! (NUNES, 2000, p. 29).

É no som da cuíca, do batuque do tambor, do tamborim, cantando o samba que eles mesmos inventaram que "o bloco dos palhaços deixa o barraco e vai se misturar com o povo na noite de carnaval" (NUNES, 2000, p. 28). Contudo, esta harmonia, a saída do barraco em um terreno baldio para se integrar ao povo, é passageira, e quando acaba a festa de carnaval, eles precisam voltar à realidade e perceber que estão sozinhos: "As ruas esvaziaram e os foliões foram todos dormir. Lá pelas tantas eles viram chegar a turma que tratava da limpeza da cidade. Só então perceberam que a farra tinha acabado" (2000, p. 32).

No momento em que a festa tem fim, a multidão se dissipa e os colegas retornam ao seu isolamento.

*Quando falamos de formação não nos referimos ao sentido de um ensino acadêmico, mas ao crescimento do indivíduo.*

to no meio em que vivem. É quando a carrocinha chega e prende Virinha e Latinha. A integração da turma é desfeita, e percebemos que eles não conseguem ocupar um lugar no meio social, já que o carnaval criou apenas uma falsa impressão de que a sociedade não tem excluídos. Flor, Voz-de-cristal e Cara-de-pau precisam então se unir ainda mais para salvar os colegas, renunciando à liberdade que possuem. Mas o plano que eles traçam fracassa, Flor volta a viver presa com sua antiga dona e o urso é capturado pelos guardas do Zoológico do qual fugira.

É neste instante que o coelho Cara-de-pau fica sozinho novamente, e precisa ultrapassar seus medos interiores na noite tenebrosa que se

*A literatura voltada para os pequenos, mesmo ao lidar com a fantasia, não se afasta das questões reais do mundo deles, oferecendo, assim, oportunidades de crescimento.*

aproxima. Dessa forma, é necessário este enfrentamento para que o coelho consiga vencer seus temores e superar os empecilhos que o incomodam:

Ficaram assim um tempo enorme: a noite tentando assustar Cara-de-pau, e ele resistindo. Até que ele cansou. Parou o vento, parou o temporal, e assim que Cara-de-pau deu um cochilo, ela aproveitou pra sumir dali. Ele acordou e viu o sol entrando por uma fresta da porta. E quando saiu lá fora, viu a areia branca da praia e o mar grande como sempre.

- Mentirosa! – murmurou – e vai a gente acreditar nela. O dia estava lavadinho e novo em folha.

Cara-de-pau começou a se sentir um bocado bem.

“Troço bacana que é ganhar do medo” – pensou (NUNES, 2000, p. 58).

O raiar do novo dia é sinal não só de que ele venceu os pavores da noite, como também de que está pronto para transformar as situações angustiosas da sua vida. A noite pode ser vista como uma prova de caráter iniciático semelhante às trevas do útero materno que se rompem com o nascimento e proporcionam a saída para uma nova vida. A iniciação representa de forma simbólica a morte de uma fase e o nascimento para outro tipo de existência, transmitindo a mensagem para o leitor de que não há um fim definitivo, as situações podem ser transformadas na perspectiva de um final positivo.

Cara-de-pau supera seus medos infantis e torna-se capaz de encontrar soluções para salvar os colegas da prisão. O coelho convence seus antigos amigos da roça, os irmãos Garcia, a fazerem um túnel da praia até a prisão, e assim, salva Virinha e Latinha. Os cachorros saem direto da prisão para a praia, emblema da liberdade e das transformações positivas. As mudanças ocorridas com Cara-de-pau se estendem para os demais colegas, como se unidos enfrentassem os mesmos perigos e vencessem as dificuldades.

Flor também consegue fugir de sua dona e a turma quase fica completa, faltando apenas Voz-de-cristal, que se apaixona por uma girafa e decide ficar no zoológico. Com a união dos colegas eles decidem que não podem mais viver na exclusão e procuram trabalho. A turma consegue a integração do meio social ao começar a trabalhar no circo e ter moradia, comida, segurança e tempo para se divertir – são as exigências aceitas pelo dono do circo. A obra conclui-se com a primeira apresentação, Voz-de-cristal volta a fazer parte da turma e a estréia deles no circo é um sucesso.

A formação, nessa obra, não se atém a um sentido moralista, de transmitir regras de comportamento estanques. A mensagem consiste em aprender a amizade, a união para vencer as dificuldades impostas pela vida. Os colegas unidos tornam-se mais fortes para lutar contra as vicissitudes do meio, e

superar os obstáculos que os assolam. É evidente o agir em prol do outro e o final é otimista quanto à superação das provas e a integração à coletividade.

O desfecho da narrativa bojuniana é marcado por um uma solução satisfatória, a vitória sobre os obstáculos. Os pequenos leitores, ao vivenciarem o caminho das personagens, entendem de forma simbólica que eles também são capazes de vencer seus medos interiores. Talvez por isso, mesmo em meio à rapidez do mundo moderno, de todas as tecnologias que vão surgindo em uma escala infundável de novidades, o livro literário infantil, com suas velhas e novas histórias, continue a ter lugar no imaginário da criança.

A literatura voltada para os pequenos, mesmo ao lidar com a fantasia, não se afasta das questões reais do mundo deles, oferecendo, assim, oportunidades de crescimento. Como o Romance de Formação, a obra analisada de Bojunga Nunes tentará formar o ser humano para que ele encontre um lugar no mundo, uma harmonia com o meio que o cerca. E muito além de ensinar as crianças como entrar em um “exigente mercado profissional”, procura educá-las para que sejam seres mais conscientes de suas necessidades interiores, sensibilizadas para a amizade e a união e (por que não?) mais preparadas para buscar um final feliz.

### Autora

<sup>1</sup>Aluna do mestrado da Faculdade de Letras da UFG. E-mail: [larissacruvinel@hotmail.com](mailto:larissacruvinel@hotmail.com). Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Zaira Turchi.

### Notas

<sup>1</sup> Nos apoiamos nos estudos de Georg Lukács, em *A teoria do romance* (2000), para estabelecer esses pressupostos.

<sup>2</sup> Esse estudo de mestrado está sendo desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Zaira Turchi.

### Referências bibliográficas

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: 34, 2000.  
MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo. O Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: UNESP, 2000.  
NUNES, Lygia Bojunga. *Os colegas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.